

**CONTRIBUIÇÕES DA FILOGIA E DA LINGUÍSTICA
HISTÓRICA NA LEITURA DE UM LIVRO DE EMPRÉSTIMOS
DA BIBLIOTECA DO GABINETE PORTUGUÊS
DE LEITURA DA BAHIA (SÉC. XIX)**

Leonardo Coelho Marques de Jesus (UFBA)
leonardo.coelhom@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é proveniente de uma pesquisa de mestrado no campo da Filologia em interface com a História Social da Cultura Escrita. O objeto em análise é o primeiro livro de empréstimos de obras da Biblioteca do Gabinete Português de Leitura da Bahia, instituição criada em 1863 na cidade de Salvador por portugueses, com o objetivo de fortalecer a língua e cultura portuguesas em território baiano através da leitura. O referido documento é datado em 1876 e, em seus mais de 400 fólios, apresenta o registro de saída de livros do Gabinete, indicando, além de entre outros dados, a obra emprestada e o prazo do empréstimo. No escopo da pesquisa está a edição conservadora (semidiplomática) do documento e um posterior levantamento de dados referentes aos empréstimos de livros, bem como a identificação dos gêneros – literários ou não –, das obras emprestadas, localizando possíveis padrões de preferência de leitura entre os sócios. Através pressupostos teóricos da Filologia e da Linguística Histórica, pretende-se, aqui, compreender de que modo esses referenciais teóricos podem ser úteis para leitura de documentos manuscritos do final do século XIX.

Palavras-chave:

Filologia. Linguística Histórica. Gabinete Português de Leitura.

RESUMEN

El presente trabajo surge de una investigación de maestría en el campo de la Filología en interfaz con la Historia Social de la Cultura Escrita. El objeto analizado es el primer libro de préstamo de obras de la Biblioteca del Gabinete de Lectura Portuguesa de Bahía, institución creada en 1863 en la ciudad de Salvador por portugueses, con el objetivo de fortalecer la lengua y la cultura portuguesa en Bahía a través de la lectura. El citado documento está fechado en 1876 y, en sus más de 400 folios, presenta el registro de salida de libros de la Oficina, indicando, entre otros datos, la obra prestada y el plazo del préstamo. El alcance de la investigación incluye la edición conservadora (semidiplomática) del documento y un posterior levantamiento de datos sobre préstamos de libros, así como la identificación de los géneros – literarios o no – de las obras prestadas, localizando posibles patrones preferentemente leídos, entre los miembros. A través de supuestos teóricos provenientes de la Filología y la Lingüística Histórica, se pretende comprender cómo estos referentes teóricos pueden ser útiles para la lectura de documentos manuscritos de finales del siglo XIX.

Palabras clave:

Filología. Lingüística histórica. Gabinete de lectura portugués.

1. *Introdução*

O anteprojeto “Entre as páginas e a sociedade: uma análise filológica do livro de empréstimos de 1876 do Gabinete Português de Leitura da Bahia” é uma proposta de análise de um documento manuscrito do século XIX que utiliza a Filologia e a História Social da Cultura Escrita como referenciais teóricos. Este artigo foi escrito com o intuito de pensar a Linguística Histórica em diálogo com o seu campo teórico, refletindo como esta corrente teórica pode ser útil metodologicamente na discussão de seus anteprojeto, aqui neste caso, a Filologia.

Inicialmente, pretende-se trazer possibilidades de conceituar a Filologia, a fim de fazer um panorama de como esta importante ciência tem sido pensada e a reflexão que diversas/os pensadoras/es tiveram sobre ela durante o curso do tempo. O mesmo se dará com a Linguística Histórica. Uma vez que o projeto trata de um documento manuscrito, em seguida, serão trazidas informações acerca de sua composição e características e o local onde está salvaguardado, a biblioteca do Gabinete Português de Leitura. Por fim, serão trazidas algumas reflexões de como a LH e a Filologia podem convergir na leitura de um manuscrito com características similares as do Livro de Empréstimos, uma vez que ambas as ciências se debruçam sobre o mesmo objeto, o texto, cada uma sob a sua perspectiva.

2. *O texto escrito, a Filologia e a Linguística Histórica*

Os livros configuram-se como uma das tecnologias mais importantes da história da humanidade, tendo ganhado, como aponta El Far (2006, p. 27), “(...) várias formas e propósitos, “sempre com o intuito de tornar a leitura algo sedutor e atraente”. Martyn Lyons (2011, p. 7) afirma que a “(...) sua portabilidade, facilidade de referência e capacidade de concentrar uma grande quantidade de dados o tornaram indispensável”, esse movimento fez com que, paulatinamente, esse objeto passasse a ganhar espaço e relevância na sociedade, fazendo-o tornar-se um objeto singular e de desejo de muitos.

Do surgimento da escrita, passando pelos códices e o surgimento da imprensa e, finalmente, do livro (nos moldes que conhecemos na contemporaneidade), a cultura escrita tornou possível a preservação e disseminação de culturas, religiões, comércios, línguas e saberes ao redor do mundo, sendo fonte de entretenimento, educação, expressão artística etc. Nesse sentido, o texto escrito é um elemento de fundamental importância

para a preservação de informações sobre si, já que é através do registro escrito, como aponta Robinson (2009), que se faz o acúmulo de conhecimento, os registros históricos, a ciência e, é claro, os livros.

A Filologia vem auxiliando nas mais diversas investigações sobre momentos variados da história, sendo a mais antiga das ciências sobre a linguagem (MILANI, 2008). Por se dedicar exclusivamente ao texto escrito, a Filologia constitui-se como a mais antiga das ciências dedicadas à linguagem no mundo ocidental, tendo, àquela época, o intuito de, nas palavras de Milani (2008), recuperar o formato dos textos da mitologia e da religião helena, que, deixados na tradição oral, estavam caindo no esquecimento.

Na Antiguidade Ocidental, o trabalho filológico tinha um perfil distinto, especialmente entre os gregos, uma vez que cabia ao filólogo a responsabilidade pela edição e conservação de manuscritos, garantindo, assim, a sua fiel reprodução, autenticidade e circulação. No livro *Introdução à Crítica Textual*, o professor Cesar Cambraia traz um panorama histórico e terminológico do termo Filologia, trazendo definições desde a Grécia Antiga, devido ao caráter polissêmico do termo.

Na contemporaneidade, a Filologia assume um viés de análise e compreensão da sociedade através dos textos escritos de momentos variados da história, constituindo-se, nas palavras de Borges e Sacramento,

[...] como um feixe de práticas de leitura, interpretação e edição que, a um só tempo, consideram como objeto, de modo indissociável, língua, texto e cultura. Tem por objetivo a compreensão e estudo dos processos (i) de produção das práticas de cultura escrita; (ii) de transmissão histórica dos textos; (iii) de circulação social do texto, (iii) recepção e reconfigurações que uma dada época constrói para o texto (McKENZIE, 2005) (BORGES; SACRAMENTO, 2012, p. 21)

De acordo com Spina, (1977), a Filologia concentra-se no texto escrito para explicá-lo e prepará-lo para ser publicado. Nas palavras de Milani,

Especificamente, a Filologia tem metodologia desenvolvida diretamente para a abordagem do texto em circunstâncias que esse texto não seja objeto de uma revisão de conteúdo, ou sócio-psicológica, como se faz na contemporaneidade, mas requeira uma retomada consciente de estrutura formal e da representação do formato original, tanto do discurso como do texto supor para o conteúdo. (MILANI, 2008)

Portanto, o filólogo, ao dedicar-se fielmente ao texto escrito, pode (e irá) fazer uso de outras áreas do conhecimento, a fim de melhor compreender o texto que está sendo utilizado como análise, a exemplo, de

acordo com Martins (2003), áreas do conhecimento humano como a História, a Literatura, a Filosofia, a própria Linguística, a Paleografia, a Codicologia e outras que forem necessárias para o maior e melhor entendimento do universo textual (MARTINS, 2012). Nesse sentido, entende-se aqui a importância da Linguística no fazer filológico, uma vez que, segundo Maia (2012):

Entendida a actividade filológica como análise crítica de textos que visa a sua reconstrução e edição, a Filologia está intimamente associada à Linguística: ela possui um conjunto de recursos interpretativos e explicativos que a Linguística Histórica não pode e não deve desprezar. (MAIA, 2012)

A Linguística Histórica, por sua vez, surge com a intenção de investigar o passado das línguas e a sua evolução ao longo do tempo, buscando compreender a motivação da mudança. Mattos e Silva (2008) afirma:

Tradicionalmente, define-se linguística histórica como o campo da linguística que trata de interpretar mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do seu tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinado espaço geográfico e em determinado território, não necessariamente contínuo. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 8)

Embora surgidas em momentos parecidos, Linguística e Linguística Histórica apresentam um afastamento metodológico, uma vez que o estabelecimento da Linguística enquanto ciência se dá com a proposta de dicotomias, afim de estabelecer a língua enquanto objeto de estudo de modo metodologicamente científico. No entanto, ao realizar a separação entre sincronia e diacronia, o modelo estruturalista proposto por Saussure, nas palavras de Maia (2012), deixa escapar a possibilidade de fazer análises sobre a origem e a difusão da mudança, uma vez que, segundo Faraco (1950):

A realidade empírica central da linguística histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. E é essa dinâmica que constitui o objeto de estudo da linguística histórica. (FARACO, 1950. p. 12)

Ao interpretar a língua enquanto algo homogêneo, o modelo teórico sugerido por Saussure termina por ignorar fenômenos recorrentes no sistema linguístico, demonstrando o quão estáticos foram os pressupostos teóricos do estruturalismo, enquanto a Linguística Histórica atém-se para a constituição das línguas desde a sua criação, como propõe Mattos e Silva (1988):

Em geral se encontra definida a Linguística Histórica, por exemplo nos dicionários e manuais de Linguística, como aquela lingüística que tem por objetivo principal a explicação da constituição das línguas através do tempo, ou seja, aquela que procura explicar a mudança das línguas. (MATTOS E SILVA, 1988, p. 90)

A partir do século XIX, a Linguística Histórica inicia uma série de comparações entre línguas na intenção de encontrar semelhanças, mas também diferenças entre esses idiomas e, também, encontrar pontos de convergência que indiquem um possível parentesco. Essa reflexão significa, segundo Paixão de Sousa (2018), um marco divisor na história das histórias do tempo e da linguagem, por inaugurar uma concepção inteiramente nova dos condicionantes dessa relação, e por construir um novo plano para sua análise. Através de quadros comparativos de palavras e estruturas gramaticais, foi possível inferir sobre a existência de uma língua-mãe, através da tradição histórico-comparativa.

Fato é que, por debruçarem-se sobre o mesmo objeto de estudos, o texto, a Filologia e Linguística Histórica apresentam pontos de interseção, pensando aqui que, em concordância com Maia (2012), para obter conhecimentos sobre a língua de épocas anteriores e para explicar processos históricos de mudança, é necessário ter acesso a dados registrados nos textos escritos. É o texto que tem servido de veículo para apresentar os dados de língua. De acordo com Telles e Gama,

O método filológico apoia a análise linguística, ao fornecer com critérios um texto fidedigno. Por outro lado, elementos linguísticos do texto estabelecido permitem – e têm sempre permitido – estudar a língua aí documentada. (TELLES; GAMA, 2016)

É importante salientar que, por serem campos teóricos que, segundo alguns teóricos defendem, caminhem em paralelo, a Filologia e a Linguística Histórica são essenciais uma a outra, conforme afirma Mattos e Silva (1988):

[...] para mim, a Filologia é uma ciência que não precisa ser definida em relação à Linguística, mas que é essencial à Linguística Histórica stricto sensu, quando esta trabalha com documentação escrita. (MATTOS E SILVA, 1988, p. 97)

Levando em consideração que o ato de ter acesso ao texto escrito para edição e posterior publicação, é importante fazer a utilização de pressupostos de ambas as disciplinas. É de fundamental importância compreender que a edição de textos de períodos recuados da história necessita de um conjunto documental que dê conta de realizar análise de modo a localizar informações de ordem linguística. Esse conjunto docu-

mental ganha o nome de *corpus*, ou *corpora*, se, no plural, que, segundo Guilherme Fromm, na área da Linguística, indica uma coleção de textos reunidos, de áreas variadas ou não, com um propósito específico de análise (Cf. FROMM, 2003). De acordo com Maia,

[...] todas as pesquisas linguísticas de base empírica, tanto em matéria de “oralidade” como de “escripturalidade (KOCH; OSTERREICHER, 2001) têm que apoiar-se necessariamente em *corpora*. (MAIA, 2012).

Neste sentido, será apresentado na próxima seção o *corpus* adotado nesta pesquisa. Trata-se do Livro de Empréstimos do Gabinete Português de Leitura da Bahia.

3. *O livro de empréstimos do gabinete português de leitura da Bahia*

Levando em consideração que o Livro de Empréstimos faz parte de um acervo vasto e importante para a sua comunidade, convém trazer nesta seção informações acerca de seu local de salvaguarda, o Gabinete Português de Leitura da Bahia.

O Gabinete Português de Leitura da Bahia foi criado em 02 de março de 1863, possuindo “entre suas finalidades, criar uma biblioteca onde os ‘*subditos portugueses*’ pudessem se reunir para desfrutar de obras basilares da cultura portuguesa e de outros idiomas, além de oferecer cursos e atividades de interesse à cultura lusa” (LOSE *et al.*, 2021, p. 26). A primeira ata administrativa informa que o Gabinete Português de Leitura da Bahia (GPLB) foi criado com o intuito de trazer “(...) obras de reconhecida utilidade, escritas nos idiomas português e francês, e mais aquelas que posteriormente se julgarem mais precisas” (ATA n. 1, 1863 *apud* CARVALHO, 1999).

A instituição nasce como uma sociedade de homens portugueses em que seria possível o empréstimo de livros lusos, com a clara finalidade de concentrar elementos da cultura e língua portuguesa em solo soteropolitano. Na sua criação, a instituição conta apenas com membros portugueses na condição de sócios, sendo possível, anos mais tarde, a entrada de brasileiros na sociedade.

O GPLB ocupa um lugar de destaque no cenário cultural da região do Centro de Salvador, representando não apenas um espaço físico de encontro intelectual, mas também um depósito de conhecimento e registros que testemunham a história e a evolução sociocultural da Bahia. O acervo tem um valor inestimável, composto por uma vasta coleção de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

obras literárias, históricas e culturais que atravessam os séculos, refletindo a intersecção de culturas e influências que moldaram a identidade baiana ao longo do tempo.

No entanto, é preciso notar que a riqueza desse lugar são os livros que estão ali presentes. Há, salvaguardados na prateleira da instituição, documentos que, pelo seu teor, conseguem figurar como verdadeiras janelas para o passado, revelando não apenas os títulos que foram lidos, mas também os interesses, preocupações e aspirações dos leitores da época. O livro de empréstimos de 1876, cujos fólios contam histórias sobre os indivíduos que frequentavam o gabinete, suas escolhas literárias e até mesmo os diálogos culturais que ecoavam entre as prateleiras, é um exemplo dessa riqueza.



Imagens 1 e 2: capa e fólio 1 recto do Livro de Empréstimos

Fonte: Gabinete Português de Leitura da Bahia

O Livro de Empréstimos é um códice que apresenta pouco mais de 400 fólios escritos no recto e verso, nos quais apresentam-se formulários impressos para registrar a saída dos livros. Num estudo inicial, foi identificado apenas a única mão, o bibliotecário do período responsável pela biblioteca, porém, ao analisar mais cuidadosamente, observou-se que as assinaturas no fim da ficha de empréstimo são dos sócios que solicitavam os livros. Nesses formulários, o bibliotecário registrava, basicamente, o livro que foi emprestado, em qual estante ele estava, o prazo do empréstimo e, por último, a assinatura da pessoa que fez a retirada. Visando a sua conservação, o livro não é manuseado rotineiramente. Por esse motivo, foram feitos registros fotográficos em boa qualidade de vi-

sualização por funcionários do Gabinete, o que permite que a pesquisa seja feita analisando esses registros.

Primeira ficha de empréstimo.



Fonte: Gabinete Português de Leitura.

Proposta de transcrição conservadora da primeira ficha de empréstimo.

<p>Entrou em <u>20</u> de <u>Março</u> de <u>18</u> <u>76</u> Nota (?)</p>	<p>Devo ao Gabinete Português de Leitura a obra <u>0</u> <u>Arrependim^{to}</u> em <u>1</u> volumes da Estante <u>1057</u> que restituirei em <u>10</u> dias, e por cada dia de excedencia, obrigo-me a pagar cem réis, e a obra no caso de extravio, pelo preço que for arbitrado. Bahia, <u>13</u> de <u>Março</u> de 187 <u>6</u> <u>Por M^{te} Fran^{co} Per^s</u> <u>Ant^o Fran^{co} Per^s</u></p>
--	--

4. A edição e seus critérios

Para a edição do Livro de Empréstimos, por se tratar de um documento com a peculiaridade de ser parte impresso, parte manuscrito; por se tratar de um documento datado no final do século XIX; e por entender que as edições devem satisfazer as necessidades de uma linguística histórica empírica (Cf. MAIA, 2012) optou-se por uma edição conservadora, entendendo, ainda de acordo com Maia (2012), que esta deve refletir fielmente as características linguísticas dos manuscritos, uma vez que nelas se refletem as marcas da variação da língua da época.

Por se tratar de um documento que é parcialmente impresso e manuscrito, optou-se pela seleção de fontes grafemáticas com estética aproximada na parte tipográfica e com indício de feitas à mão na parte manuscrita. Optou-se, neste momento, pelo não-desdobramento de abrevia-

turas, garantindo, assim, o respeito rigoroso à grafia do texto original, observando também a manutenção de maiúsculas, minúsculas e acentuação. Itens lexicais não identificados serão sinalizados entre parênteses com uma interrogação (?). Neste momento, a edição conservadora mostra-se mais adequada, pois ela

[...] parece ser mais do que justificada quando se considera que a *scripta* do documento tanto pode mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) – repetições, transposições, erros devidos ao contexto linguístico ou extralinguístico, os erros de concordância, as autocorreções, as adições, as omissões, as confusões de palavras (MARTÍNEZ ORTEGA, 1999) – como, o que é mais importante, as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*. (LOSE; TELLES, 2017, p. 289)

Por manter as características originais do texto original, garantindo, assim, a sua fidedignidade, a edição conservadora torna-se útil para a Linguística Histórica na atividade de observar a trajetória de eventuais mudanças na língua através desse registro escrito. No caso do *corpus* adotado nesta pesquisa, a LH pode ser eficaz ao tentar identificar mudanças de ordem fonético-fonológicas, ou ainda morfológicas, semânticas ou sintáticas, pensando que esses elementos não devem passar despercebidos pelo olhar filológico, já que, de acordo com Telles e Gama (2016), esses elementos da *scripta* permitem o uso do texto para compreensão do momento cultural representado pelo texto (e pelo seu autor). Importante perceber, também, que o Livro de Empréstimos está salvaguardado numa instituição com mais de cento e cinquenta anos de história, sendo um é um registro ativo da dinâmica social de uma instituição como o Gabinete Português de Leitura da Bahia.

Uma vez que a pesquisa ainda está em fase inicial e devido ao extenso tamanho do documento a ser trabalhado, não foi possível finalizar a etapa de transcrição e posterior edição dos fólios. Portanto, as informações trazidas são de natureza preliminar de análise. Contudo, seguindo os pressupostos estabelecidos pelos referenciais teóricos adotados para a construção deste artigo e as leituras adotadas na disciplina demonstram claramente a importância da Linguística Histórica para o labor filológico e como ambas as disciplinas andam lado a lado, colaborando mutuamente e trazendo à luz informações relevantes acerca de momentos recuados da história dos povos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luiz Eleildo Pereira; XIMENES, Expedito Eloísio. *Uma revisão do conceito de texto e suas implicações para os estudos filológicos*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 25-42, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v21i1p25-42. Disponível em: <https://periodicos.usp.br/flp/article/view/156300>. Acesso em: 5 set. 2024.

BORGES, Rosa. *Saberes em diálogo na prática filológica editorial*. Linha D'Água, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 7-27, 2018. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v31i2p7-27. Acesso em: 4 set. 2024.

CAMBRAIA, Cesar Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FROMM, Guilherme. O uso de corpora na análise linguística. *Revista Factus*, v. 1, n. 1, p. 69-76, São Paulo, 2003.

LOSE, Alicia Duhá *et al.* *O manuscrito fundador do Gabinete Português de Leitura da Bahia: Atas 1863-1875*. Salvador: Memória e Arte, 2021. Disponível em: www.memoriaarte.com.br.

LOSE, Alicia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Para uma filologia na pesquisa em linguística histórica. *Letras*, (60), p. 11-32, 2022. <https://doi.org/10.5902/2176148542058>

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 533-42

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Linguística Histórica no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 4, n. 1, p. 1-162, São Paulo.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008. 208p.

MILANI, Sebastião Elias. Da Filologia, da Gramática Comparada, da Neogramática à Historiografia Linguística. In: SIMELP – Seminário Mundial de Língua Portuguesa. São Paulo, 2008, p. 1-20. Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/06_8.pdf

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *Linguística Histórica*. In: Claudia P.; Nunes, J.H. (Org.). *Introdução às Ciências das Linguagem: Língua, Sociedade e Conhecimento*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2006. v. 3, p. 11-48

TELLES, Célia Marques; DA GAMA, Albertina Ribeiro. Perspectivas da filologia textual. *Revista do GELNE*, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 1-6, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9077>. Acesso em: 4 set. 2024.

TELLES, Célia Marques; LOSE, Alícia Duhá. Qual edição e o que editar. *A Cor Das Letras*, 18(2), p. 271-93. 2017. <https://doi.org/10.13102/cl.v18i2.1863>.